

Artigo / Article

Linguagem e Memória: a construção discursiva da imagem de Prestes e Vargas nas biografias escritas por suas Filhas

Language and Memory: the discursive construction of the image of Prestes and Vargas in the biographies written by their daughters

Raquel Abreu-Aoki 

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Universidade de São Paulo, Brasil

abraquaoki.raquel@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-3578-8593>

Marcia Elisia Matos Aguiar 

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

marciaelisia475@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-1392-5064>

Recebido em: 06/02/2024 | Aprovado em: 21/05/2024

Resumo

O gênero biográfico, como um gênero narrativo, é um espaço singular para a construção discursiva de uma trajetória de vida. Nesse gênero, a linguagem apresenta-se como um instrumento poderoso de (res)significações de discursos e narrativas, em especial, quando refere-se a biografias de cunho historiográfico. Nessa complexa rede de (outros) sentidos produzidos, a biografia de agentes políticos ilustres potencializa a produção de (novas) perspectivas acerca de eventos históricos e das próprias personalidades políticas. A partir de tal panorama, para este trabalho, foram analisadas as obras *Luiz Carlos Prestes, um comunista brasileiro* e *Getúlio Vargas, meu pai* – escritas, respectivamente, por suas filhas Anita Leocádia Prestes e Alzira Vargas do Amaral Peixoto –, cujo enfoque respalda a reconstituição das infâncias dos biografados. À luz das teorias de Charaudeau (2009), a análise comparativa realizada aponta para um lugar em comum entre tais biografias, de modo que as imagens discursivamente construídas dos biografados engajam o público leitor a conceber a fase da infância como um período importante para a formação desses sujeitos e para a expressão de suas identidades. Nesse sentido, os resultados indicam que as representações de Vargas e Prestes sugerem aptidão para suas atuações no cenário político e na História do Brasil.

Palavras-chave: Análise discursiva • Identidade biografada • Reconstituição histórica

Abstract

The biographical genre, as a narrative genre, is a unique space for the discursive construction of a life trajectory. In this genre, language presents itself as a powerful tool for (re)signifying discourses and narratives, especially when referring to historiographic biographies. In this complex web of (other) meanings produced, the biography of illustrious political agents enhances the production of (new) perspectives on historical events and the political personalities themselves. From this panorama, for this work, the books *Luiz Carlos Prestes, um comunista brasileiro* and *Getúlio Vargas, meu pai* – written respectively by their daughters Anita Leocádia Prestes and Alzira Vargas do Amaral Peixoto –, were analyzed, with a focus on reconstructing the biographees' childhoods. In light of Charaudeau's theories (2009), the conducted comparative analysis points to a common ground between these biographies, showing that the discursively constructed images of the biographees engage the reading public to view childhood as an important period for the formation of these individuals and for the expression of their identities. In this sense, the results indicate that the representations of Vargas and Prestes suggest an aptitude for their roles in the political scene and the history of Brazil.

Keywords: Discursive analysis • Biographed identity • Historical reconstruction

Considerações iniciais

A elaboração de biografias sobre figuras proeminentes no cenário político, que investiga a vida e os feitos desses indivíduos, desempenha um papel crucial na formação da memória coletiva e na promoção da reflexão social:

Para além da óbvia distinção entre modalidades – das famosas “biografias não autorizadas” mais próximas de *gossip* que de um gênero literário ou científico, àquelas que são produto de pesquisa, e apesar de inúmeros exemplos de biógrafos tão ilustres quanto seus biografados, para alguns a biografia está contaminada desde a origem pela tensão entre admiração e objetividade, entre uma suposta “verdade” a restaurar e o fato de que toda história é apenas uma história a mais a ser contada sobre um personagem (Arfuch, 2010, p. 138-139).

Nesse fragmento, podemos notar que Leonor Arfuch (2010) aborda a complexidade e as nuances desse gênero narrativo, destacando várias modalidades e as tensões intrínsecas a ele. Ao mencionar as “biografias não autorizadas”, por exemplo, ela se refere àquelas que, frequentemente, têm um caráter sensacionalista, mais próximo de fofocas do que de uma análise rigorosa. Essas obras tendem a focar nos aspectos mais controversos ou escandalosos da vida de uma pessoa, muitas vezes sem a profundidade e a seriedade que caracterizam uma pesquisa científica ou literária de qualidade.

LINHA D'ÁGUA

Por outro lado, existem biografias que são fruto de um trabalho de pesquisa metucioso, realizadas por biógrafos que, muitas vezes, são tão respeitáveis e notáveis quanto os próprios biografados. Esses trabalhos buscam uma compreensão mais profunda e contextualizada da vida e das realizações dos sujeitos, contribuindo significativamente para o campo da historiografia e da literatura. No entanto, essa autora reconhece que, mesmo entre essas obras de alta qualidade, persiste uma tensão fundamental.

Essa tensão está entre a admiração e a objetividade. Biógrafos frequentemente enfrentam o desafio de equilibrar a reverência que podem sentir por seus sujeitos biografados com a necessidade de manter uma postura crítica e imparcial. A pesquisadora supracitada destaca que essa dicotomia pode comprometer a percepção de “verdade” na biografia. A busca por uma verdade objetiva pode ser ilusória, já que toda narrativa biográfica é, em última análise, uma construção subjetiva. A história de vida contada é influenciada pelas perspectivas, interpretações e escolhas narrativas do biógrafo.

A biografia, como qualquer narrativa, é uma história entre muitas possíveis histórias sobre uma pessoa. Cada biografia é moldada pelas intenções do biógrafo, pelos contextos históricos e culturais e pelas fontes disponíveis. Assim, esse gênero não pode ser visto como uma restauração de uma verdade absoluta, mas sim como uma representação entre outras, cada uma oferecendo uma visão particular e parcial do biografado. Essa perspectiva enfatiza a natureza intrinsecamente interpretativa e subjetiva do gênero biográfico.

Nesse mesmo sentido, retomamos o conceito ilusão biográfica de Pierre Bourdieu (1986) que critica a forma tradicional de se escrever biografias, que geralmente estruturam a vida de uma pessoa como uma narrativa linear e coerente. Ele argumenta que essa abordagem retrospectiva seleciona eventos que parecem significativos à luz de seu desfecho final, criando uma falsa impressão de que a vida segue uma trajetória lógica e predeterminada. Essa construção simplificada ignora a contingência e a imprevisibilidade inerentes às experiências humanas, ao mesmo tempo que omite as contradições e rupturas que são parte essencial da vida real.

A respeito do caráter subjetivo das biografias, Abreu-Aoki, em seus estudos (2012, 2013, 2019), observa que esse gênero discursivo se constitui em um vetor crucial tanto para a conservação quanto para a celebração da memória das personalidades nelas retratadas. Ele é intrinsecamente influenciado pelas intenções e perspectivas dos biógrafos, os quais determinam a abordagem e o enfoque da narrativa. Esta dimensão ganha contornos ainda mais profundos quando o biografado é uma figura inserida no contexto político, visto que a biografia pode então se transformar em uma ferramenta estratégica para a construção de narrativas alternativas e a fixação de determinadas imagens dessas personalidades no imaginário coletivo. Assim, a biografia emerge como um instrumento de significativa potência na percepção da história.

Para demonstrar essa discussão, tomamos como textos-base desta pesquisa as obras *Luiz Carlos Prestes, um comunista brasileiro*, de Anita Leocadia Prestes, filha do biografado,

publicada em 2015 pela Editora Boitempo, e *Getúlio Vargas, meu Pai*, de Alzira Vargas do Amaral Peixoto, filha de Getúlio Vargas, cuja primeira publicação se deu em 1960 pela Editora Globo.

Em *Luiz Carlos Prestes, um comunista brasileiro*, Anita Prestes utiliza uma estruturação cronológica para a exposição dos eventos narrados. O primeiro capítulo, denominado *Os Primeiros Anos*, dedica-se a explorar as experiências de Luiz Carlos Prestes anteriores ao seu engajamento político destacado. Este segmento do livro é meticulosamente estruturado em subcapítulos que detalham diferentes aspectos e períodos da vida de Prestes, incluindo *As Origens Familiares, A Infância e a Juventude, O Início das Conspirações Tenentistas* e o *Levante de 5 de Julho de 1922*, culminando com *Prestes no Rio Grande do Sul: Capitão do Exército e conspirador Tenentista*.

Assim como Anita Prestes, *Getúlio Vargas, meu Pai*, de Alzira Vargas, revisita as origens de Vargas, mas não dedica uma seção específica para tratar da infância de Vargas, como observado na obra sobre Prestes. Alzira relata que, por meio de histórias compartilhadas pelo avô, tios e suas próprias observações, ela pôde recompor os anos iniciais de vida de seu pai, conforme mencionado na página 23 da edição de 1960. Essa intercalação das memórias pessoais de Alzira no processo de reconstrução da vida de Getúlio confere ao livro um caráter mais íntimo, mesclando elementos biográficos e autobiográficos, o que contribui para uma perspectiva (auto)biográfica singular na obra.

O objetivo deste estudo é realizar uma análise comparativa entre as biografias mencionadas, com foco nas representações delineadas sobre Luiz Carlos Prestes e Getúlio Vargas, especialmente nas descrições de suas infâncias, períodos anteriores à notoriedade em suas carreiras políticas. Pretende-se evidenciar o papel significativo dessas fases iniciais na constituição dos indivíduos biografados, mostrando como influenciaram diretamente suas atuações e posturas na maturidade, conforme as perspectivas das biógrafas. Nosso propósito é compreender quais imagens dessas personalidades políticas foram desejadas cristalizar para as futuras gerações. Embora muitos outros aspectos relevantes da vida dos biografados mereçam ser abordados, devido à limitação desta contribuição, esses temas serão tratados em outra oportunidade.

Como sabemos, as linguagens, em sua pluralidade de contextos textuais, enunciativos e discursivos, podem ser orquestradas a fim de atingir os propósitos que atravessam os seus usos, dado que, determinada pela situação de comunicação, haverá um uso estratégico da língua, sendo este adequado às suas especificidades e produzido pelas interações comunicativas dos participantes dessa interação. Desse modo, a abordagem utilizada neste trabalho revela como o discurso biográfico constrói e enfatiza imagens favoráveis dos sujeitos biografados, podendo influenciar a percepção pública acerca de suas trajetórias

Para alcançar o objetivo proposto, este artigo organiza-se da seguinte maneira: na seção 1, realizamos uma discussão, retomando a natureza e os desafios do gênero biográfico,

princiada nas Considerações iniciais. Avançando para a seção 2, abordamos os Modos de Organização do Discurso, com fundamentação nas teorias de Charaudeau (2009). Subsequentemente, na seção 3, procedemos à análise comparativa das descrições biográficas relativas à infância de Getúlio Vargas e Luiz Carlos Prestes. Concluímos, na seção 4, com as considerações finais derivadas do estudo.

Gostaríamos de salientar que nossa escrita se baseia em um movimento cíclico de análise. Em outras palavras, apresentamos, na exposição teórica, reflexões sobre os *corpora*. Esse posicionamento está fundamentado na compreensão de que o processo de análise dos *corpora* não ocorre de maneira independente do referencial teórico, mas sim de forma dialógica, uma vez que é o objeto de pesquisa que determina qual teoria será utilizada, e não o contrário. Posto isso, na parte teórica, já se encontram análises iniciais dos *corpora* selecionado por nós.

1 O efeito biográfico

A narrativa biográfica é uma modalidade de escrita histórica que se imbrica profundamente nas subjetividades, nos afetos e nos modos de ver, perceber e sentir o outro, como observado por Borges (2009). Este tipo de narrativa não apenas relata fatos históricos, mas também expressa as visões de mundo e as representações do biografado através do olhar particular do biógrafo.

Um exemplo notável desse fenômeno pode ser observado nas biografias escritas por pessoas próximas ao biografado. Alzira Vargas, filha de Getúlio Vargas, e Anita Prestes, filha de Luiz Carlos Prestes, oferecem perspectivas singulares sobre seus pais, enriquecendo suas narrativas com uma subjetividade inerente.

Para ilustrar, destaca-se a observação de Gomes (1996, p. 17), que aponta que Alzira Vargas foi confidante de seu pai tanto em momentos políticos quanto familiares, assumindo o papel de “guardiã da memória” após a morte de Getúlio. De modo semelhante, Anita Prestes busca honrar a memória de seu pai, “corrigindo” versões da história sobre ele, como evidenciado na introdução que ela escreveu para a biografia de Prestes:

Sobre a figura de Prestes, sempre existiram versões caluniosas e foram divulgadas inúmeras inverdades e informações imprecisas. Levei mais de trinta anos me aprofundando no estudo de cada período da vida desse personagem singular na história do Brasil. Por fim julguei que, fiel ao compromisso do historiador com a evidência, tinha as condições necessárias para traçar um quadro abrangente da vida de Luiz Carlos Prestes. Considerei também que era meu dever de historiadora deixar esta obra como legado, especialmente para as futuras gerações (Anita Prestes, 2015, p. 20).

Assim, o biógrafo seleciona informações que, quando combinadas com outras fontes, formam a base de seu texto. Essa seleção de elementos e sua organização em um novo suporte representam uma nova realidade, editada sob a perspectiva do autor. Este processo envolve

intencões, restrições e estratégias, considerando os interesses dos biografados (quando vivos), de suas famílias e dos leitores. As informações explícitas, implícitas ou omitidas no texto refletem marcas subjetivas do biógrafo, evidenciando que todos possuem suas preferências e vieses.

Entendendo que é impossível apreender o passado em sua totalidade, tentamos nos aproximar dele por meio das representações feitas. Cada uma dessas representações é influenciada por valores, crenças e ideologias distintas. Dessa forma, diferentes biografias de Getúlio Vargas e Luiz Carlos Prestes, por exemplo, podem ser semelhantes em aspectos factuais como nomes e datas, mas divergirão na maneira como são narrados. Benveniste ([1974] 1983) destaca a efemeridade do tempo na narrativa, pois os fatos são recontados sob a ótica de quem narra. Existe um tempo físico no mundo, uniforme e contínuo, e o tempo psíquico dos indivíduos, variável segundo suas emoções e seu mundo interior. Isso reforça a ideia de que a subjetividade do biógrafo e do leitor influenciam a interpretação dos eventos narrados.

Jesus Menezes (2013) argumenta que o conhecimento do passado e seus usos no presente ocorrem dentro de práticas sociais de interpretação e reprodução da história. A consciência histórica de cada indivíduo se desenvolve dentro de um sistema sociocomunicativo de interpretação, objetivação e uso público do passado. A escrita biográfica, portanto, é uma forma de escrita memorialística, que se concentra na recordação e narração de memórias pessoais, manifestando-se em autobiografias, biografias, diários, relatos pessoais entre outros.

As narrativas historiográficas, como as biografias, despertam sentimentos de identificação, pertencimento e curiosidade nos leitores. Quando o autor revela aspectos íntimos do biografado, mostrando-o como uma pessoa comum e ao mesmo tempo seus feitos profissionais, o leitor pode sentir que conhece bem a vida do biografado. No entanto, como aponta Pena (2004), a biografia oferece apenas uma reconstrução, um efeito de real.

Nesse mesmo sentido, Rondelli e Herschmann (2000) afirmam que a biografia se torna uma reunião de fragmentos dotados de sentidos, permitindo ao leitor elaborar uma imagem do biografado sob o ponto de vista do biógrafo. Contribuindo com esse entendimento, Le Goff (1994) destaca que os documentos e testemunhos do passado são seleções do historiador e não a verdade absoluta do passado, revelando e ocultando simultaneamente aspectos da vida do biografado.

Um leitor ingênuo pode não considerar tais fatores, não ter um conhecimento prévio sobre os fatos apresentados pela biografia, pode acreditar na transparência do texto, aderir ao projeto de escrita e internalizar os fatos como uma verdade inquestionável. Além disso, pode crer que aquela obra revela um sujeito por inteiro e toda uma vida, caindo na armadilha da ilusão biográfica (Bourdieu, 1986). Ainda nesse sentido, Lejeune (2008) defende a ideia de que o leitor precisa ler uma biografia considerando a intenção de quem a produziu. Aliado a essa questão, Peneff (1990) adverte a respeito de um traço recorrente nas biografias: a maioria das histórias de vida consiste em verdadeiras apologias:

Há uma tendência de escassez de atos errados ou imorais, de práticas injustas ou violentas, de comportamento fraudulento de quase todo o tipo da parte do biógrafo. A maior parte das histórias de vida tenta falar com uma única voz, sem contradições e sem oponentes. Partes quase inteiras da vida são deixadas de fora, especialmente, os episódios dolorosos ou questionáveis que poderiam trazer danos à imagem do biografado (Peneff, 1990, p. 38).

As biografias são escritas com intenções específicas, que podem variar desde exaltar até criticar, denunciar, renegar, louvar, santificar ou dessacralizar o biografado. Essas finalidades moldam a maneira como as histórias de vida, as experiências singulares e as trajetórias individuais são apresentadas, estabelecendo uma nova ordem na interpretação dessas vidas. Nesse contexto, a biografia é impulsionada por uma vontade de memória, um desejo de fixar a imagem do sujeito biografado sob uma luz particular, de acordo com a perspectiva da obra. Essa vontade reflete não apenas um esforço de memorialização, mas também um ato de interpretação, no qual a vida do sujeito é filtrada através das lentes do biógrafo, moldando a percepção do leitor sobre o biografado.

Portanto, a biografia se estabelece como um gênero que, ao narrar a vida de um indivíduo, faz mais do que contar fatos: ela engaja o leitor em um processo de compreensão e reflexão sobre as múltiplas camadas de significado que esses fatos podem assumir, influenciadas pelas intenções do autor. Entendendo que é impossível apreender o passado em sua totalidade, tentamos nos aproximar dele por meio das representações feitas. Precisamos nos lembrar de que cada uma dessas representações é feita a partir de óticas distintas, perpassadas por valores, crenças, ideologias etc. Dessa forma, se pegarmos cinco biografias diferentes de Getúlio Vargas e de Prestes, escritas por autores distintos, elas poderão ser semelhantes em alguns aspectos, como nomes e datas de fatos históricos, por exemplo, porém estes divergirão na maneira em que serão narrados.

Abreu-Aoki (2019) aponta que biografias que abordam personagens de tal envergadura político-histórica têm o potencial de se tornarem poderosos instrumentos políticos e modificadores da história. Isso se deve à capacidade dessas obras de influenciar a percepção pública e reinterpretar eventos e figuras históricas sob novas óticas, podendo até mesmo redefinir narrativas estabelecidas e promover novas compreensões sobre o passado. Ao contextualizar as trajetórias de Vargas e Prestes dentro das complexidades de suas respectivas épocas, essas biografias contribuem para uma compreensão mais matizada da história política brasileira, destacando não apenas as ações e decisões dessas figuras, mas também suas motivações, dilemas e o legado deixado por elas.

As biografias *Luiz Carlos Prestes, um comunista brasileiro* e *Getúlio Vargas, meu Pai* imergem profundamente no discurso político e histórico brasileiro, ao trazerem para o primeiro plano figuras marcantes do cenário político do século XX no Brasil. Essas obras não apenas narram as vidas dessas personalidades, mas também oferecem um panorama rico sobre os contextos políticos e sociais em que essas personagens estiveram inseridas, contribuindo significativamente para a reconstituição da memória e da história nacional.

A observação de Fernando Moraes, destacada na contracapa da biografia de Prestes, ressalta que “a obra transcende a figura de Luiz Carlos Prestes ou a do Partido Comunista Brasileiro (“Partidão”), oferecendo, na verdade, uma perspectiva ampliada sobre o Brasil”. Esta abordagem ecoa a ideia de que biografias de figuras marcantes podem servir como veículos para explorar e narrar aspectos da história nacional que, muitas vezes, não são abordados nos currículos escolares tradicionais. Essa perspectiva se alinha à discussão anterior sobre o potencial das biografias como instrumentos políticos e modificadores históricos, enfatizando que a vida de um indivíduo pode refletir e elucidar dinâmicas sociais e políticas mais amplas.

A mesma lógica aplicada à biografia de Prestes pode ser estendida à obra *Getúlio Vargas, meu Pai* de Alzira Vargas do Amaral Peixoto. Através da trajetória pessoal de Getúlio Vargas, a autora proporciona um olhar sobre os eventos históricos e as transformações políticas do Brasil no século XX, oferecendo uma perspectiva única sobre o país e sua evolução. Abreu-Aoki (2013) adverte que a apreensão do passado em sua totalidade é uma tarefa impossível e que as tentativas de reconstrução desse passado são realizadas por meio de representações discursivas, cada uma delas carregada de uma perspectiva particular. Isso sublinha a natureza construída e interpretativa da história, onde cada narrativa histórica ou biográfica é influenciada pelas visões e intenções de quem a escreve, moldando assim a maneira como o passado é compreendido e transmitido.

Portanto, ao abordar biografias como as de Prestes e Vargas, é crucial reconhecer que elas não apenas documentam a vida de indivíduos, mas também oferecem uma janela para a história e a identidade nacionais, refletindo as diversas camadas e interpretações que compõem o mosaico da história brasileira.

A narrativa biográfica, conforme discutido por Arfuch (2005), oscila delicadamente entre as esferas íntima, privada e pública. Arfuch (2010) descreve o íntimo como a parte mais profunda do ser, aquela que toca o inexprimível e se alinha com o conceito de segredo. O privado, embora englobe o íntimo, é descrito como um domínio menos confinado, mais propenso à partilha. O gênero biográfico, portanto, abarca tanto o íntimo quanto o privado, entrelaçados às narrativas de vida, sem excluir a dimensão pública. Nas duas biografias, a proximidade das autoras, filhas dos biografados, potencializa a exploração da intimidade, enriquecendo a narrativa com uma perspectiva supostamente singular.

Ademais, esses textos visam cristalizar uma imagem dos biografados. Em *Getúlio Vargas, meu Pai*, o propósito de resgatar uma memória anteriormente silenciada é evidenciado já nos *Agradecimentos* do livro, onde a autora menciona “Por aqueles que me censuraram e moderaram meus arroubos político-sentimentais?” (Peixoto, 1960, p. 18), bem como em:

A História conta a história de vários tiranos muito mais democratas do que muitos presidentes eleitos com o respectivo ‘congresso carneiro’ em pleno funcionamento. Queria saber por que não fizeste realizar o plebiscito para dar a essa Constituição foros de estabilidade, de legalidade. Estou cansada dessa história de só te chamarem ‘ditador’, ‘usurpador’, ‘continuista’, ‘oportunista’, com ares não sei se de inveja ou de desprezo” (Peixoto, 1960, p. 314, grifos nossos).

que sugere a intenção de reabilitar a imagem do pai, atenuando, particularmente, as percepções sobre seu autoritarismo e caráter ditatorial. No trecho escolhido, a expressão “Estou cansada” pode evocar uma resposta emocional do leitor, reforçando o propósito de humanizar e suavizar a figura de Vargas através da perspectiva pessoal e emotiva da autora.

Similarmente, em *Luiz Carlos Prestes, um comunista brasileiro*, Anita Prestes (2015, p. 15) busca resgatar uma memória esquecida: “eis a razão por que recorreram sempre ora às calúnias contra o líder comunista, ora ao silêncio ou à falsificação de sua trajetória como forma de apagar o legado do Cavaleiro da Esperança da memória das novas gerações de brasileiros”. Esse trecho sugere um esforço para combater o estereótipo negativo associado aos comunistas no imaginário social brasileiro, ao desmontar a construção vilanizada do comunista e realçar seus princípios. Assim, a obra visa não apenas esclarecer, mas também valorizar os ideais pelos quais Prestes lutou, contrapondo-se às narrativas que buscam minimizar sua importância histórica e ideológica.

É o momento em que Prestes repele a perspectiva de tornar-se uma liderança a serviço dos interesses das elites oligárquicas e/ou burguesas, optando pelo compromisso com os “de baixo”, os explorados e os oprimidos, os trabalhadores. Prestes adota, então, o marxismo como teoria norteadora de sua vida e o comunismo como objetivo ao qual se consagraria até o final de seus dias. (Anita Prestes, 2015, p. 17, grifos nossos).

A perspectiva adotada nas biografias é evidenciada desde os títulos. Alzira opta por uma abordagem que antecipa uma narrativa afetiva, centrada na relação entre pai e filha, como se depreende do título *Getúlio Vargas, meu Pai*, em que o destaque para o pronome possessivo em primeira pessoa do singular sublinha a intimidade e o vínculo pessoal entre a autora e o biografado. Como pode ser visto no fragmento a seguir:

Este não é o livro esperado.

A história das grandes pequenezas e das pequenas grandezas que se cometeram durante um “curto período” da vida brasileira, examinada à luz de documentos.

Esse, alguém o fará um dia se a coragem me faltar.

Este é, apenas, o livro de minha saudade. (Peixoto, 1960, p. 19, grifos nossos).

Contudo, conforme argumenta Abreu-Aoki (2013), Alzira enfatiza significativamente, em seu empreendimento biográfico, a figura de Getúlio Vargas como estadista, o que desvela o propósito político subjacente à obra. Já no livro de Anita, notamos a inclusão de “um comunista brasileiro” no título estabelece imediatamente uma perspectiva política sobre o biografado, enquanto o uso da terceira pessoa indica um distanciamento analítico do objeto escrito. Anita Prestes (2015) destaca que sua biografia é fruto de extensa pesquisa histórica sobre a atuação política de Luiz Carlos Prestes e a história do Partido Comunista Brasileiro (PCB), evidenciando a conexão intrínseca entre os dois, especialmente a partir dos anos 1930.

A noção de intimidade discutida por Arfuch (2005, p. 242), “é sem dúvida um campo indiscutivelmente percorrido em sua totalidade por uma diversidade de enfoques e

experimentações, que se estendem desde o científico ao abjeto, abrangendo a literatura, as artes visuais, o cinema, o teatro, os meios de comunicação e, naturalmente, as práticas e rotinas diárias”¹.

Arfuch (2008) destaca ainda que, no âmbito das narrativas (auto)biográficas e de memória, manifesta-se um “efeito de real” que sugere uma autenticidade testemunhal, evidenciada por declarações como “isso (me) ocorreu” e “fui/sou uma testemunha”. Esta abordagem reforça o valor expressivo e a importância do ponto de vista da testemunha, embora, conforme aponta Derrida² (1995 [1996]) citado por Arfuch (2010), “não há nenhuma testemunha para a testemunha”, sublinhando a singularidade e a intransferibilidade da experiência testemunhal.

Nas obras analisadas neste estudo, que possuem uma natureza historiográfica, há um potencial particular para despertar o interesse, a curiosidade e até mesmo sentimento de identificação e pertencimento por parte dos leitores. Esse efeito é particularmente notável quando o autor se propõe a revelar aspectos menos conhecidos de suas figuras centrais, desvendando detalhes sobre a vida íntima e apresentando a personagem de maneira mais humanizada. Abreu-Aoki (2019, p. 179) observa, essa aproximação ocorre especialmente quando o narrador busca “despir sua personagem da exterioridade já conhecida”, trazendo à luz novos aspectos sobre sua vida pessoal, ao mesmo tempo em que destaca suas conquistas profissionais e êxitos, aproximando o biografado do leitor ao retratá-lo como um indivíduo comum dotado de realizações notáveis.

É justamente por meio do processo narrativo que os seres humanos se imaginam a si mesmos — também enquanto leitores/receptores — como sujeitos de uma biografia, cultivada amorosamente através de certas “artes da memória”. Mas essa biografia nunca será “unipessoal”, embora possa adotar tons narcísicos; envolverá necessariamente a relação do sujeito com seu contexto imediato, aquele que permite se situar no (auto) reconhecimento: a família, a linhagem, a cultura, a nacionalidade. Nenhum autorretrato, então, poderá se desprender da moldura de uma época e, nesse sentido, falará também de uma comunidade (Arfuch, 2010, p. 140-141).

Assim, a escrita biográfica é um processo complexo que envolve a seleção subjetiva de fatos e a construção de uma narrativa que reflete tanto a vida do biografado quanto a perspectiva e as intenções do biógrafo. As biografias, portanto, são representações editadas da realidade, oferecendo uma visão parcial e interpretativa do passado.

Compreendemos, então, que a reconstituição do passado, dentro espaço biográfico, pode ser produzida no e pelo plano discursivo. Ao ser intrinsecamente atravessada pelo viés

¹ Tradução nossa do original: “es hoy sin duda un terreno transitado hasta la saturación por todo tipo de tematizaciones y experimentaciones, de lo científico a lo abyecto, de la literatura a las artes visuales, el cine, el teatro, los medios de comunicación y, por supuesto, los usos y costumbres cotidianos”.

² Aludimos aqui à conferência de Jacques Derrida em Buenos Aires em novembro de 1995, “Parler pour l'étranger”, em que analisou a figura da testemunha a partir de Paul Célán, publicada em *Diário de Poesía*, Buenos Aires, 1996, n. 39, pp. 18-9.

discursivo, a biografia configura-se em um objeto singular para a análise da materialidade discursiva e os sentidos produzidos a partir dela. Nessa conjuntura, a próxima seção dedicarse-á à elucidação, em especial, dos Modos de Organização Descritivo e Narrativo, tendo em vista que são as categorias recorrentes em nossos corpora.

2 Os Modos de Organização do Discurso

Charaudeau (2009) identifica quatro modos principais de organização da matéria linguística, cada um correspondendo a uma finalidade comunicativa distinta: o modo Enunciativo, o modo Descritivo, o modo Narrativo e o modo Argumentativo. Esses modos se alinham com o propósito do enunciador, seja ele enunciar, descrever, narrar ou argumentar, estabelecendo os fundamentos para a produção de sentido. Cada modo possui uma função fundamental que reflete a intenção discursiva do locutor. Além disso, cada modo é regido por um princípio de organização que se desdobra em duas categorias: uma que propõe a estruturação do mundo referencial, influenciando as lógicas de construção desses mundos; e outra que se ocupa da encenação desse mundo no discurso.

Os modos de organização do discurso não operam de maneira rígida ou isolada, possibilitando assim que o sujeito faça uso deles de forma conjunta ou combinada, conforme as possibilidades discursivas disponíveis. Os modos não são completamente separados entre si, interligando-se e mesclando-se no desenvolvimento dos textos. O sujeito pode utilizar um ou mais modos, ou até mesmo uma combinação deles, dependendo do espaço de manobra que possui. Cada modo propõe, à sua maneira, a organização do mundo referencial, permitindo que uma *mise en scène* original dê lugar a uma *mise en description*, *mise en narration* ou, ainda, *mise en argumentation*.

Neste estudo, daremos especial atenção aos modos Descritivo e Narrativo, dada a natureza dos nossos *corpora* que envolve narrativas de vida e a construção de imagens, fazendo com que estes modos se destaquem. Assim, uma análise mais detalhada desses modos será apresentada nas próximas seções. É importante mencionar também que o modo Enunciativo permeia e influencia os demais modos de organização, atuando na configuração da encenação discursiva, razão pela qual receberá atenção específica nesta análise.

O modo Enunciativo, conforme definido por Charaudeau (2009) destaca-se por sua capacidade de elucidar a posição do locutor em relação ao seu interlocutor, a si próprio e a terceiros, formando assim um sistema enunciativo. Esse modo é descrito como uma categoria de discurso que enfatiza como o sujeito falante se posiciona na encenação do ato comunicativo.

Dentro do contexto de uma situação comunicativa, são estabelecidas identidades sociais e psicológicas para os envolvidos, bem como identidades linguisticamente específicas, cada uma com suas particularidades:

- As identidades sociais e psicológicas são designadas aos participantes do ato de linguagem, que, embora externos ao ato, estão nele imersos e definidos por uma série de características identitárias. Esses participantes incluem o locutor-emissor, responsável pela produção do ato comunicativo, e o interlocutor-receptor, que recebe, interpreta e responde ao discurso.
- As identidades linguísticas, por outro lado, são atribuídas aos agentes de enunciação, ou seja, aos indivíduos que desempenham papéis na linguagem dentro do próprio ato comunicativo. Esses agentes são o Enunciador, que pode intervir ou se omitir no discurso, e o Destinatário, que é posicionado pelo locutor dentro do discurso.

O modo Enunciativo desempenha três funções cruciais: estabelece uma dinâmica de influência entre o locutor e o interlocutor através de um comportamento alocutivo; expressa o ponto de vista do locutor por meio de um comportamento elocutivo; e incorpora a voz de um terceiro em um comportamento delocutivo.

Essas funções sublinham a complexidade do modo Enunciativo, ressaltando sua importância na análise discursiva, especialmente no que tange à construção de significados e à interação entre os participantes da comunicação.

O modo Descritivo engaja-se primordialmente na tarefa de descrever. Esta atividade é caracterizada por uma observação detalhada do mundo, que, ao nomear, localizar e qualificar os elementos, confere-lhes existência e singularidade. A descrição pausa o fluxo do tempo para examinar e retratar os seres e objetos em sua especificidade.

O processo de nomear implica reconhecer e distinguir um ser ou objeto, atribuindo-lhe uma denominação que reflete tanto suas características únicas quanto suas semelhanças com outros da mesma categoria. Esta ação é fundamental para a descrição, pois é por meio da nomeação que se dá existência ao descrito, inserindo-o em um sistema de classificação que é, por natureza, subjetivo e dependente da percepção do observador.

O localizar/Situar, envolve definir o espaço e o tempo habitados pelo sujeito da descrição. Este aspecto é intrinsecamente ligado à nomeação, visto que a compreensão de um ser ou objeto é influenciada por seu contexto espaço-temporal. A localização contribui para a construção de um cenário em que os elementos descritos são contextualizados, enriquecendo a descrição com informações sobre onde e quando se situam.

A qualificação complementa o ato de descrever ao atribuir características e propriedades específicas aos seres e objetos nomeados e situados, aprofundando a compreensão sobre suas essências e distintividades.

Esse modo de organização do discurso — o descritivo —, é, portanto, essencial para a construção de textos que visam retratar de maneira detalhada e precisa os elementos do mundo, permitindo ao leitor visualizar e compreender as particularidades do que está sendo descrito.

Já processo de qualificar, no âmbito do modo Descritivo, é um ato complexo que transita entre a objetividade e a subjetividade, envolvendo a atribuição de características particulares aos seres descritos. Essa atribuição confere uma dimensão única e personalizada aos objetos ou sujeitos da descrição, refletindo a perspectiva individual do sujeito falante.

Charaudeau (2009) enfatiza que a qualificação é uma expressão do desejo do sujeito falante de apreender e possuir o mundo à sua volta. Através desse processo, o sujeito não apenas identifica e situa os seres dentro de um contexto espaço-temporal, mas também os dota de qualidades que os tornam únicos e significativos. Esta etapa da descrição é fundamental para a construção de um retrato vívido e detalhado, pois é por meio da qualificação que se atribui substância e forma aos seres, de acordo com a visão e interpretação pessoais do observador.

A qualificação, portanto, é um ato que engloba tanto a racionalidade quanto as sensações e emoções do sujeito falante, tornando a descrição um reflexo de sua compreensão e experiência do mundo. Isso implica que a descrição não é apenas um registro neutro da realidade, mas também uma interpretação carregada de valores pessoais e culturais, que revela tanto sobre o objeto descrito quanto sobre o próprio descritor. Este entendimento sobre o papel da qualificação no Modo Descritivo proporciona uma visão mais abrangente sobre como a descrição pode ser utilizada para expressar uma percepção pessoal e subjetiva do mundo.

É fundamental observar que a atividade de descrever mantém uma conexão intrínseca com a atividade de narrar, estabelecendo uma inter-relação significativa entre o modo Descritivo e o modo Narrativo. Essa relação decorre do fato de que, ao descrever, o sujeito muitas vezes contextualiza os elementos dentro de uma sequência de eventos ou um enredo, aproximando-se, assim, do ato de contar uma história.

O modo Descritivo, ao detalhar cenários, personagens, objetos e atmosferas, fornece o pano de fundo e a profundidade necessária para que o modo Narrativo possa desenvolver a trama de maneira rica e envolvente. Da mesma forma, a narração frequentemente emprega descrições para enriquecer a narrativa, tornando os eventos e personagens mais vívidos e tridimensionais para o leitor ou ouvinte.

Portanto, embora distintos em suas funções primárias — com o modo Descritivo focado na representação detalhada de elementos e o modo Narrativo centrado na sequência de ações e eventos —, ambos os modos se complementam e se entrelaçam na prática discursiva. A habilidade de empregar eficazmente ambos os modos são cruciais para a criação de textos ricos e envolventes, seja em literatura, jornalismo, histórico ou em qualquer outro campo que dependa da articulação efetiva de informações e histórias.

O modo Narrativo é distinguido como um elemento estrutural dentro do amplo espectro da narrativa. Enquanto a narrativa em si constitui um conjunto abrangente, o modo narrativo serve para estruturar essa totalidade, organizando-a de forma específica. Interessante notar que este modo não se restringe exclusivamente a gêneros discursivos predominantemente narrativos, podendo ser empregado de maneira secundária em outros gêneros.

Charaudeau (2009) esclarece que o modo Narrativo é responsável por ordenar os acontecimentos de forma sequencial e contínua, estabelecendo uma progressão de ações que se influenciam mutuamente, culminando em uma cadeia de eventos. Essa organização sucessiva confere à narrativa uma lógica interna, cuja coerência é assegurada pelo delineamento claro de um início e um término.

Essa configuração permite que a narrativa desenvolva uma trama coesa, na qual cada ação desempenha um papel específico dentro do enredo, contribuindo para o avanço da história. O fechamento da narrativa, marcado pela conclusão dos eventos, é fundamental para conferir sentido e integridade ao relato, assegurando que o leitor ou ouvinte compreenda a totalidade da história dentro dos parâmetros estabelecidos pelo início e fim.

Na lógica narrativa, conforme Charaudeau (2009) expõe, identificam-se três componentes fundamentais: actantes, processos e sequências. Os actantes são elementos que desempenham papéis essenciais relacionados à ação da narrativa, enquanto os processos conectam esses actantes, conferindo uma direção funcional às suas ações. As sequências, por sua vez, amalgamam actantes e processos em uma finalidade narrativa, seguindo princípios de organização específicos. Neste estudo, a ênfase recai sobre a categoria dos actantes, destacando sua importância e papel dentro da estrutura narrativa.

Os actantes, em sua função narrativa, estão vinculados ao cumprimento de papéis específicos dentro do discurso, diferindo da categoria linguística de agentes de ação. Uma distinção crucial é estabelecida entre actantes e personagens: um actante, ao assumir um determinado papel narrativo, pode ser representado por diversos tipos de personagens, seja de forma sucessiva, alternada ou simultânea, conforme elucidado por Abreu-Aoki (2012).

Este conceito permite uma flexibilidade na composição narrativa, onde o papel de um agente-agressor, por exemplo, pode ser desempenhado por variados entes, como policiais, estudantes ou grupos políticos, demonstrando a versatilidade e a dinâmica dos papéis narrativos. Um personagem pode, dentro do mesmo enredo, assumir múltiplos papéis narrativos e, conseqüentemente, ocupar diferentes posições de actantes, enriquecendo a trama e aprofundando a complexidade das relações e eventos narrados.

A estruturação dos actantes narrativos implica uma hierarquização que se estende tanto à sua natureza quanto à sua importância dentro da narrativa. Esta organização distingue um actante que protagoniza a ação, outro que é impactado por essa ação e, circundando esses elementos centrais, encontram-se os circunstantes, que complementam o contexto e a dinâmica das interações. Ademais, os actantes são categorizados em principais, que são fundamentais para o desenvolvimento da trama, e secundários ou satélites, que desempenham papéis complementares.

Nas biografias escritas por Peixoto (1960) sobre Getúlio Vargas e por Anita Prestes (2015) sobre Luiz Carlos Prestes, uma análise atenta pode revelar como as imagens dessas figuras históricas foram moldadas. Utilizando-se dos Modos de Organização do Discurso de

Charaudeau (2009), particularmente os modos Descritivo e Narrativo, é possível discernir as técnicas empregadas para construir tais imagens, considerando as relações de interesse que permeiam a escrita biográfica. Essas relações de interesse não somente influenciam a narrativa, mas também se manifestam linguisticamente, refletindo nas projeções de imagens que as autoras almejam cristalizar por meio de suas obras.

Este enfoque nos permite entender como as biografias, enquanto gênero, funcionam não apenas como registros factuais, mas também como meios pelos quais os biógrafos, com suas escolhas narrativas e descritivas, podem influenciar a percepção dos leitores sobre os biografados. O próximo tópico abordará de forma mais aprofundada os aspectos inerentes ao gênero biográfico, explorando como essas técnicas narrativas e descritivas contribuem para a construção da imagem dos personagens históricos nas biografias.

3 O retorno à infância nas biografias de Prestes e Getúlio

Charaudeau (2009) destaca que a Denominação, seja por meio de nomes comuns ou próprios, é uma técnica linguística crucial para o ato de Nomear. Em *Getúlio Vargas, meu Pai* (Peixoto, 1960), a autora frequentemente se refere a Getúlio Vargas como “papai” e menciona o pai de Getúlio como “vovô Vargas” (Manuel do Nascimento Vargas), introduzindo uma camada de intimidade e confidencialidade na narrativa. Essa escolha de palavras tende a aproximar o leitor, fomentando uma conexão pessoal e uma identificação mais profunda com as figuras retratadas.

Por outro lado, em *Luiz Carlos Prestes, um comunista brasileiro* (Anita Prestes, 2015), a autora prefere utilizar nomes próprios como “Luiz Carlos Prestes”, “Prestes”, “Leocádia Felizardo Prestes” (mãe de Prestes) e “Joaquim José Felizardo” (avô materno de Prestes), adotando uma abordagem mais formal na denominação das personagens. Esse método contribui para uma percepção de distanciamento ou formalidade na apresentação dos indivíduos, o que pode influenciar a maneira como o público interpreta e se relaciona com o conteúdo da biografia.

Essa diferença nas estratégias de denominação reflete distintas abordagens discursivas adotadas pelas autoras, cada uma buscando engajar o leitor de maneira específica, seja por meio da familiaridade e intimidade, seja pela formalidade e respeito às figuras históricas retratadas.

A utilização de nomes próprios, datas e localizações, elementos que podem ser corroborados historicamente, é um recurso empregado para conferir objetividade ao discurso. Conforme Abreu-Aoki (2013) aponta, tais elementos não apenas estabelecem uma perspectiva objetiva, mas também criam um “efeito de real” no texto, reforçando sua credibilidade. Em ambas as biografias, essa técnica é amplamente utilizada, reforçando a noção de autenticidade dos eventos narrados. A inserção desses dados factuais contribui significativamente para a construção de uma sensação de “veracidade” em torno dos relatos sobre Getúlio Vargas e Luiz Carlos Prestes.

Essa estratégia permite que a credibilidade atribuída aos fatos históricos se estenda às representações de Getúlio e Prestes, fortalecendo a imagem que os autores desejam projetar de suas figuras. Dessa forma, o uso cuidadoso de informações verificáveis não só enriquece a narrativa com detalhes concretos, mas também auxilia na legitimação das interpretações e percepções dos biografados, moldadas pelos autores.

Em *Luiz Carlos Prestes, um comunista brasileiro*, a reconstrução das origens familiares de Luiz Carlos Prestes é minuciosamente abordada, com um capítulo dedicado especialmente a este tema, estruturado a partir de uma genealogia detalhada. Ao trazer à tona figuras da saga familiar do biografado, na obra de Anita Prestes (2015), Anita emprega personagens secundários ou satélites — como pai, mãe, avós maternos e paternos — para reforçar uma imagem positiva de Prestes, destacando as qualidades progressistas desses familiares.

Um exemplo notável é a descrição do avô materno de Prestes, Joaquim José Felizardo, caracterizado como um próspero comerciante de Porto Alegre, membro da maçonaria, abolicionista e republicano, descrito como “um homem avançado para a época”. A menção à família Felizardo, reconhecida na cidade pelos seus valores culturais e humanistas, não apenas enaltece o contexto familiar em que Prestes foi criado, mas também serve para qualificar o biografado indiretamente, sugerindo que suas convicções e atitudes foram influenciadas por um ambiente familiar comprometido com ideais nobres. Como pode-se notar no fragmento a seguir:

O avô materno de Luiz Carlos Prestes, Joaquim José Felizardo, um próspero comerciante de Porto Alegre, pertencia à maçonaria, era abolicionista e republicano; também foi um homem avançado para a época. A família Felizardo se tornara conhecida na cidade por cultivar valores culturais e humanistas. A esposa de Joaquim José, Ermelinda Ferreira de Almeida Felizardo, descendia da aristocracia portuguesa, mas se distinguiu por ser uma pessoa de ideias abertas, que partilhava plenamente dos ideais de justiça social abraçados pelo marido (Anita Prestes, 2015, p. 21).

Esse recurso narrativo não só enriquece a biografia com detalhes históricos e contextuais, mas também contribui para a construção de uma narrativa que posiciona Luiz Carlos Prestes como herdeiro de uma tradição familiar de vanguarda, fortalecendo a percepção de sua figura histórica de maneira positiva.

Leocadia Felizardo Prestes, mãe de Luiz Carlos Prestes, é retratada na biografia como uma figura exemplar de progressismo, destacando-se por sua natureza politizada, cultura avançada e preocupação com o bem-estar de seus filhos, distinguindo-se das mulheres de seu tempo. Essa caracterização estabelece Leocadia como um pilar fundamental na formação de Prestes, sugerindo que as virtudes e o engajamento político de Prestes são reflexos diretos da influência materna. Como visto em: “Diferentemente das moças e das senhoras de seu tempo e sua posição social, Leocadia lia e comentava os jornais, assumia posições políticas e as defendia com ardor” (Anita Prestes, 2015, p. 22) e em:

Leocadia Felizardo Prestes, a mãe de Prestes, mulher avançada e culta, ainda muito jovem, escandalizou a família ao revelar o desejo de ser professora e trabalhar fora, o que naqueles tempos era impensável para uma moça de seu nível social. Desde cedo, Leocadia manifestou pendor pelas artes, pela literatura-e também pela política, interesse que, mais tarde, transmitiu aos filhos (Anita Prestes, 2015, p. 22).

A obra menciona explicitamente que, influenciado pela mãe, Prestes desenvolveu desde cedo uma inclinação para se posicionar ativamente em questões políticas, tanto no âmbito nacional quanto internacional, rejeitando a passividade diante dos acontecimentos políticos. Essa passagem reforça a ideia de que as qualidades e convicções de Prestes não apenas derivam de seu contexto familiar, mas também são um legado direto da educação e dos valores transmitidos por sua mãe.

Portanto, a biografia escrita por Anita não apenas celebra as realizações pessoais de Luiz Carlos Prestes, mas também atribui grande parte de seu caráter e princípios às figuras parentais, especialmente sua mãe, que é apresentada como uma mulher à frente de seu tempo e uma influência determinante na trajetória do filho.

Gaudencio (2022, p. 70), em seu artigo “Nas terras do sul nasce o herói: origens e ascendências nas narrativas biográficas de Luiz Carlos Prestes”, destaca o uso de uma “memória positiva” nas biografias, que visa enfatizar atributos admiráveis como humanismo e nobreza, ao passo que minimiza ou omite falhas como arrogância ou prepotência. Esse enfoque não apenas realça a influência e ascendência no biografado, mas também contribui para construir uma imagem de Luiz Carlos Prestes como uma figura de destaque e potência. Tal representação é pensada para reverberar positivamente no contexto político brasileiro, enfatizando o impacto e o legado de Prestes de maneira favorável.

Em *Getúlio Vargas, meu Pai*, a influência familiar é fortemente associada à figura do pai de Getúlio, Manuel do Nascimento Vargas, especialmente em relação à carreira militar. “Havia sorvido dos lábios de seu pai todas as reminiscências dos combates e entreveros em que tomara parte. O velho Vargas entrara como cabo, o cabo Vargas, e saíra general.” (Peixoto, 1960, p. 23). A biógrafa relata em “Acalentava um sonho: ser militar como o pai.” (Idem, p. 24) como Getúlio foi inspirado pelas histórias de combate do pai, que começou como cabo e ascendeu a general, alimentando o desejo de Getúlio em seguir a carreira militar. A narrativa também destaca atributos como obediência, disciplina e ordem, enfatizados por um elogio direto de Manuel a Getúlio, evidenciando o orgulho paterno pelo comportamento exemplar do filho desde a tenra idade. “Vovô Vargas tinha por papai um carinho particular. Era com orgulho que dizia: ‘O Getúlio foi o filho que deu menos trabalho quando rapaz’” (Peixoto, 1960, p. 33).

Essas passagens sugerem que as virtudes associadas a Getúlio Vargas, tais como disciplina e um senso de ordem, foram influenciadas e cultivadas desde cedo em seu ambiente familiar, particularmente pelo exemplo e expectativas do pai. A biografia, ao evocar essas memórias, não apenas honra a figura paterna, mas também estabelece um pano de fundo que contextualiza e enriquece a compreensão das motivações e do caráter de Getúlio Vargas.

Em contraste com a biografia de Prestes, em *Getúlio Vargas, meu Pai* (1960), sua biógrafa ressalta a importância do Rio Grande do Sul como lugar de origem de Getúlio Vargas, destacando como essa proveniência influencia a caracterização dos indivíduos que compartilham a mesma origem. A obra de Peixoto sugere que as raízes gaúchas de Getúlio desempenham um papel significativo na formação de sua identidade e valores, bem como na percepção e qualificação de sujeitos similares, enfatizando as características culturais e os traços de personalidade típicos dessa região.

A cultura regional do Rio Grande do Sul é um elemento central na construção da identidade de Getúlio em *Getúlio Vargas, meu Pai*, ressaltando a importância da terra natal, da nação e da nacionalidade na formação do sujeito. A obra destaca como a interação de Getúlio com seus conterrâneos e o apreço pelas tradições culturais locais contribuem para moldar sua imagem como uma pessoa próxima do povo e das raízes populares. Peixoto (1960) aponta que Getúlio valorizava as narrativas oriundas de pessoas comuns, como os peões da estância onde vivia, evidenciando uma simplicidade e uma valorização do homem do campo.

Ela ilustra essa conexão com a cultura gaúcha ao descrever como Getúlio era influenciado pelo “minuano”, vento característico da região, que lhe trazia as lendas e tradições do Rio Grande durante suas cavalgadas solitárias. Essa imersão nas heranças culturais e na simplicidade do cotidiano rural reforça a imagem do estadista como uma figura enraizada em seu contexto cultural e sensível às expressões populares de sua região.

Neste contexto, a noção de localização transcende a simples ideia de localizar ou situar, incorporando as “visões romantizadas da terra natal”³ (Arfuch, 2005). O lugar de origem de Getúlio Vargas exerce um papel fundamental em sua constituição enquanto indivíduo, moldando uma imagem positiva associada à figura de liderança que ele viria a assumir na vida adulta. Essa representação é enriquecida pelas referências à cultura e às tradições do Rio Grande do Sul, conferindo a Vargas uma aura de potência e autenticidade.

Nos *corpora* analisados, as passagens que remetem aos estudos dos biografados projetam uma imagem de competência. As autoras escolhem lembranças que destacam Prestes e Vargas em seus ambientes educacionais, ressaltando suas realizações e o lugar de destaque que ocupavam em suas trajetórias escolares. No caso de Getúlio Vargas, a escola será mencionada apenas quando ele tinha 15 anos, por isso será explorado com mais detalhes adiante, ao examinar a juventude dos biografados nas obras.

Na biografia de Luiz Carlos Prestes, a narrativa destaca o empenho de sua mãe, Leocadia, que culmina na entrada de Prestes no Colégio Militar em 1909, após ele ter sido aprovado no concurso de 1908, mas inicialmente não matriculado. Esse episódio posiciona Prestes não apenas como vítima de uma situação pontual, mas também de um sistema mais amplo, caracterizado por favorecimentos baseados em laços familiares militares, conforme

³ Tradução nossa do original: “semblanzas idealizadas de la tierra natal”.

Anita destaca ao mencionar que “na prática só eram matriculados os filhos de coronéis e os netos de generais” (Anita Prestes, 2015, p. 25). Esta situação ressalta as barreiras e injustiças enfrentadas por Prestes, reforçando sua imagem como alguém que supera adversidades sistêmicas desde cedo, como apontado no fragmento a seguir:

No Colégio Militar, por vontade de Leocadia, Prestes era aluno externo, mas, para diminuir a despesa em casa, almoçava e jantava no colégio. Sua vida contrastava com a dos colegas, filhos de coronéis, que lhe diziam não entender por que, sendo externo, ele fazia as refeições lá, onde a comida era horrível. Ciente da situação de sua família, o menino calava. No curso primário do Colégio Militar, cujo ensino era deficiente, ele encontrou dificuldades em acompanhar as aulas e, no final do ano, suas notas eram insatisfatórias. Porém, tendo adoecido e permanecido em casa durante um mês, estudou com a ajuda da mãe e, ao prestar os exames finais, foi aprovado. Foi também promovido a cabo, pois os alunos, à medida que avançavam no curso, tinham graduação até tenente-coronel. (Anita Prestes, 2015, p. 25 – grifo nosso).

Anita, ao narrar a trajetória de Luiz Carlos Prestes, posiciona-o como um actante narrativo ativo, sugerindo que desde cedo ele se moldou como arquiteto de seu próprio destino, cheio de glórias e desafios, graças à sua competência intrínseca. O uso de discurso direto, particularmente a citação de uma carta enviada a sua avó Ermelinda aos 14 anos, não apenas cria um “efeito de real” na narrativa, mas também estabelece a avó como testemunha dessa determinação juvenil. Essa passagem, onde Prestes expressa: “Tenho muita vontade de estudar, pois meu maior desejo é chegar a conquistar uma posição somente pelo meu merecimento próprio. Só assim poderei ser útil aos que me são caros, mas também aos meus semelhantes e mais ainda à minha amada Pátria.” (Anita Prestes, 2015, p. 25), reitera o papel proativo de Prestes na construção de sua trajetória, marcada por um compromisso profundo com o mérito pessoal, a utilidade social e o patriotismo.

A figura de líder é projetada nas relações familiares de Luiz Carlos Prestes desde a sua infância, como indicado quando ele assumiu responsabilidades de patriarca após a morte do pai: “órfão de pai, o menino cresceu num ambiente de privações, em que teve de assumir as atribuições de chefe de família.” (Anita Prestes, 2015, p. 24).

Notamos que as representações biográficas, feitas para Getúlio Vargas e para Luiz Carlos Prestes, na fase da juventude, continuam a ser moldadas com um enfoque similar ao empregado na descrição de suas infâncias. Esse direcionamento visa enfatizar a formação e o fortalecimento de suas imagens como líderes dotados de competência e influência. Especificamente para Getúlio Vargas, ressalta-se a ideia de uma predestinação ao significativo papel que ambos assumiriam em suas trajetórias adultas. Todavia, pela limitação da presente contribuição, esses aspectos serão tratados em outra oportunidade.

Consoante à análise efetuada, evidencia-se que as construções biográficas concernentes a Luiz Carlos Prestes e Getúlio Vargas foram meticulosamente arquitetadas para conferir aos biografados representações positivas, as quais se alinham aos propósitos delineados pelas autoras. A caracterização dessas eminentes figuras no panorama político nacional elucida tanto

aspectos de similaridade quanto de discrepância nas estratégias de abordagem adotadas por cada uma das biógrafas. Nas Considerações Finais subseqüentes, serão sintetizados os aspectos centrais abordados e as inferências extraídas do estudo em questão.

Considerações finais

A análise das biografias de Getúlio Vargas e Luiz Carlos Prestes, centrada nas representações de suas infâncias, desvendou a intrincada relação entre linguagem e narrativa no processo de construção biográfica. As biógrafas, Anita Leocadia Prestes e Alzira Vargas do Amaral Peixoto, utilizam um léxico que transcende a mera narração de eventos históricos, articulando, ademais, juízos de valor e perspectivas discursivas. Estas, por sua vez, podem influenciar significativamente a percepção pública destas figuras históricas.

Este estudo destacou como as linguagens em contextos textuais, enunciativos e discursivos são instrumentalizadas para conferir aos biografados uma aura de liderança, competência e, no caso de Getúlio Vargas, uma espécie de predestinação para os papéis históricos que desempenharam. Essa escolha narrativa reflete um diálogo entre o texto e seu contexto, entre o enunciador e o enunciatório, em que a linguagem não é apenas um veículo de comunicação, mas também um ato de influência e construção identitária.

No âmbito dos estudos textuais, enunciativos e discursivos, as biografias examinadas constituem um terreno fértil para a pesquisa sobre o impacto das escolhas linguísticas e discursivas na construção da imagem pública de personalidades históricas. É essencial, portanto, reconhecer a biografia não apenas como um repositório de memórias, mas também como um instrumento ativo na formação destas. Lembramos que Derrida (1997, p. 24, mencionado por Arfuch, 2005, p. 267) ilustrou esse conceito ao afirmar que “a arquivização produz, tanto quanto registra, o evento”⁴.

O uso da linguagem, com suas nuances e potencialidades, emerge como um elemento central na articulação entre a vida pessoal dos biografados e suas representações públicas. As biografias de Vargas e Prestes, ao entrelaçarem o íntimo e o político, o pessoal e o histórico, oferecem uma perspectiva única sobre as dinâmicas que moldaram o Brasil contemporâneo, destacando a indissociável conexão entre a vida individual e os movimentos coletivos da história.

Assim, as considerações finais deste trabalho apontam para a importância de uma abordagem multidisciplinar que integre os estudos linguísticos, textuais e discursivos na análise de biografias. Tal abordagem permite uma compreensão mais aprofundada das estratégias narrativas e dos mecanismos enunciativos que operam na construção de narrativas biográficas, revelando como estas contribuem para a historiografia e para o entendimento das dinâmicas sociopolíticas e culturais.

⁴ Tradução nossa do original: “la archivación produce, tanto como registra, el acontecimiento”

A inserção da dimensão linguística nos estudos biográficos abre novas perspectivas para a análise de textos históricos, convidando à reflexão sobre o papel da linguagem na configuração do conhecimento histórico e na formação da consciência coletiva. Portanto, incentiva-se a continuidade de pesquisas que explorem a interseção entre linguagem, texto e discurso nas (auto)biografias, ampliando o entendimento sobre como as narrativas individuais se entrelaçam com a história coletiva e a memória nacional.

Financiamento

Marcia Elisia Matos Aguiar agradece à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo financiamento da pesquisa “Luiz Carlos Prestes, um comunista brasileiro - análise das projeções de imagens feitas por sua filha e biógrafa Anita Leocádia Prestes, sob à luz da Retórica e Análise do Discurso” por meio do Programa de Bolsa à Iniciação Científica e Tecnológica Institucional (PIBIC) (nº do processo: CRD-00135-21).

Referências

- ABREU-AOKI, R. L. de. *Flutuações no ethos de Getúlio Vargas: análise comparativa das imagens projetadas para o estadista por sua filha e outros personagens históricos*. *Gláuks – Revista de Letras e Artes*, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 179–198, 2019. DOI: <https://doi.org/10.47677/gluks.v19i1.107>.
- ABREU-AOKI, R. L. *Getúlio Vargas encadernado: a construção narrativo-argumentativa da imagem do estadista em Getúlio Vargas, meu Pai*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013. Tese de Doutorado. Disponível em: <http://www.poslin.letras.ufmg.br/defesas/1501D.pdf>. Acesso em: 29 de ago 2024.
- ABREU-AOKI, R. L. *A construção narrativo-argumentativa da imagem de um presidente na biografia Getúlio Vargas para crianças*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012. Dissertação de Mestrado.
- ARFUCH, L. *Crítica Cultural entre política y poética*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.
- ARFUCH, L. Cronotopias de la intimidad. In: ARFUCH, L. (Org.). *Pensar este tiempo: espacios, afectos, pertenencias*. Buenos Aires: Paidós, 2005, p. 237-290.
- ARFUCH, L. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.
- BENVENISTE, É. *Problèmes de Linguistique Générale*, 2 ed. Paris: Éditions Gallimard, 1983 [1974].
- BOURDIEU, P. L'illusion biographique. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. v. 62-63, jun., p. 69-72, 1986.
- BORGES, V. P. O “eu” e o “outro” na relação biográfica: algumas reflexões. In: NAXARA, M.; MARSON, I.; BREPOHL, M. (Org.). *Figurações do outro*. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 225-238.
- CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Trad. Ângela M. S. Corrêa & Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2009.
- DERRIDA, J. Mal de arquivo. Uma impresión freudiana. Madri: Trotta, 1997 [1995] *apud* ARFUCH, L. Cronotopias de la intimidad. In: ARFUCH, L. (org.). In: *Pensar este tiempo: espacios, afectos, pertenencias*. Buenos Aires: Paidós, 2005. p. 237-290.

LINHA D'ÁGUA

GAUDENCIO, B. R. de A. Nas terras do sul nasce o herói: origens e ascendências nas narrativas biográficas de Luiz Carlos Prestes. *Revista NUPEM*, v. 14, p. 59-78, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/4779/4722>. Acesso em: 29 ago 2024.

GOMES, Â. de C. “A guardiã da memória”. *Acervo - Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1/2, p. 17-30, jan./dez. 1996.

JESUS MENEZES, P. R. (Re)ver o passado e (re)escrever a história. Cultura histórica, cultura visual e as afirmações identitárias no Brasil oitocentista. In: *XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal RN, 2013.

LE GOFF, J. *História e Memória*. Trad.: Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

PEIXOTO, A. V. do A. *Getúlio Vargas, meu Pai*. 2. ed. Rio de Janeiro; Porto Alegre; São Paulo: Editora Globo, 1960. [1ª edição 1960].

PENA, F. *Teoria da Biografia sem fim*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

PENEFF, J. Myths in life stories. In: SAMUEL, R. & THOMPSON, P. (Orgs.). *The myths we live by*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1990.

PRESTES, A. L. *Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro*. São Paulo: Boitempo, 2015

RONDELLI, E.; HERSCHMANN, M. A mídia e a construção do biográfico: o sensacionalismo da morte em cena. *Tempo Social: Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, v. 12, n. 1, 201-218, maio de 2000.